

**CORVOS, GAVIÕES E PASSARINHOS: REFLEXÃO SOBRE
O PAPEL DO INTELCTUAL DE ESQUERDA NA ITÁLIA
DO SÉC. XX PARA PIER PAOLO PASOLINI, COM
BASE NA ANÁLISE DE SEU FILME
UCCELLACCI E UCCELLINI (1966)**

Maria Elisa Perez PAGAN

Orientadora: Profa. Dra. Maria Betânia Amoroso

Resumo: Este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre a posição do intelectual de esquerda na Itália do século XX para o escritor, diretor e crítico Pier Paolo Pasolini. Para isso será analisado o filme *Uccellacci e Uccellini* (1966) dirigido por Pasolini, que conta a história do encontro entre a dupla Tàto e Ninetto e um corvo-professor falante, personagem cuja voz é gravada pelo próprio autor, e que representa um “intelectual de esquerda da época anterior a morte de Palmiro Togliatti”. Logo depois deste encontro, o corvo decide contar para seus novos amigos a história “dos gaviões e passarinhos”. Nela, dois freis, Ninetto e Ciccillo, são mandados por São Francisco de Assis para evangelizar os gaviões e os passarinhos, para que vivam em harmonia. Este trabalho faz um paralelo entre o corvo e o frei Ciccillo como dois intelectuais tentando se tomar *intelectuais orgânicos*, segundo o pensamento de Antonio Gramsci, marxista de notável influência na obra pasoliniana.

INTRODUÇÃO

Uccellacci e Uccellini é um filme de Pier Paolo Pasolini, gravado em 1966. O cineasta, ao lado de Tàto e de Ninetto Davoli, é um dos protagonistas desta parábola. Ele, no entanto, não atuará em carne e osso: Pasolini encarna a enigmática figura de um corvo-professor falante, não só com sua voz (que soa tão frágil perto de seus escritos e de seus filmes), mas também enquanto intelectual de esquerda profundamente gramsciano, que se revolta, de maneira melancólica, contra uma inércia da história, contra a grande incapacidade que o intelectual enfrenta ao tentar iluminar os pássaros (os pequenos e os maus) com um feixe de luz marxista, a fim de transformar seus comportamentos. É ele quem irá contar a história dos dois frades que, guiados por São Francisco de Assis, tentam apresentar o amor de Deus aos gaviões e aos passarinhos. Este ensaio pretende traçar um paralelo entre a parábola *do corvo* e a parábola *contada pelo corvo*; entre as opressões que Tàto e Ninetto exercem e sofrem, e a opressão que os gaviões exercem sobre os passarinhos; e, como ponto central, o desejo intenso que o corvo tem de se fazer compreendido e de subverter, através do conhecimento, a lógica opressora na qual os dois amigos estão inseridos, e o desejo também intenso que os frades têm de subverter, através do amor, a lógica opressora na qual os gaviões e os passarinhos estão inseridos, sendo que ambas as situações se deparam com a grande - e, aparentemente, pessimista - impotência de suas ações e ideias: “assim começa, assim termina, assim continua, assim sempre ...”

1. O INTELLECTUAL ORGÂNICO SEGUNDO GRAMSCI

A influência que o filósofo italiano Antônio Gramsci exerceu sobre Pasolini é de uma profundidade detectável em muitas de suas obras, seja nos filmes, nos ensaios ou nas poesias. De fato, esta grande admiração é atestada pelo próprio Pasolini ao dizer que Gramsci representa “a grande cabeça do marxismo italiano de todos os tempos” (PILATI, p. 165). Certamente, a filosofia gramsciana pode iluminar as interpretações possíveis de *Uccellacci e Uccellini*, motivo pelo qual desejo apresentar sucintamente um de seus conceitos centrais: o do intelectual orgânico.

No texto “A formação dos intelectuais”¹, Gramsci nos apresenta duas categorias distintas de intelectuais. A primeira é a do *intelectual orgânico*. De maneira resumida, cada grupo social possui a sua própria camada de intelectuais. O de tipo orgânico seria aquele que está à serviço do grupo social ao qual pertence, como um funcionário. Este estudioso não está descolado das realidades sociais, à parte da sociedade. Ele participa como intelectual, um empregado de uma determinada classe social. Desta forma, a classe social burguesa, por exemplo, possui a seu serviço os advogados, os empresários, os técnicos de indústria, os administradores ou os economistas. Assim, Gramsci defende que o intelectual de esquerda deve ser um funcionário da classe operária, da nova organização social, e que a função do partido político é a de organizar estes intelectuais para que eles possam atuar ativamente na sociedade, juntamente com o proletariado. Não à toa, Gramsci foi secretário do Partido Comunista Italiano entre 1891 e 1937, ao qual Pasolini foi também filiado; seu sucessor, Palmiro Togliatti, cujo enterro é representado em *Uccellacci e Uccellini*, é uma figura que possui grande influência no sábio corvo, como diz a divertida legenda que surge após o final da história dos gaviões e dos passarinhos: “lembramos que o Corvo é um intelectual de esquerda da época anterior à morte de Palmiro Togliatti”. Esta imagem, a do intelectual morto, já foi antes explorada por Pasolini em seu célebre poema “As cinzas de Gramsci”, ao qual voltarei adiante.

Em oposição ao orgânico, há o *intelectual tradicional*. Gramsci irá usar, como exemplo, o clero: os eclesiásticos eram uma camada de intelectuais organicamente ligada à aristocracia fundiária, pois “era juridicamente equiparada à aristocracia, com a qual dividia o exercício da propriedade feudal da terra e o uso dos privilégios estatais ligados à propriedade” (GRAMSCI, p. 5). À medida em que se reforçava o poder do monarca e a Igreja enfraquecia, a categoria intelectual dos eclesiásticos começa a dar origem a outras muitas categorias de intelectuais, como os cientistas, os teóricos, os filósofos não-eclesiásticos, etc. Segundo Gramsci, estes “aristocratas de toga”, através de um forte “espírito de grupo”, consideram “a si mesmos como sendo autônomos e independentes do grupo social dominante” (GRAMSCI, 1978, p. 6).

¹ In GRAMSCI (1978).

² O artigo foi publicado originalmente com o título “*Che cos'è questo golpe*”.

Pasolini publicou, em 14 de novembro de 1974, no *Corriere della sera*, um artigo chamado “O romance dos massacres”², que trata do papel do intelectual e, principalmente, do Partido Comunista Italiano (PCI) na sociedade italiana da época; a interpretação de tal artigo pode ser interessante para pensar na maneira como Pasolini se relaciona com o conceito de intelectual orgânico/tradicional formulado por Gramsci. De início, o ensaísta comenta uma série de *golpes* que a Itália sofreu por volta da década de setenta (como o *golpe Borghese* e o massacre ocorrido em Milão em dezembro de 1969). Por mais que ele saiba os nomes dos responsáveis por tais golpes (que para ele não são difíceis de se descobrir), não compete a ele - como intelectualdivulgá-los. É neste contexto que Pasolini nos apresenta uma interessante descrição do Partido Comunista Italiano:

O Partido comunista italiano é um país limpo em um país sujo, um país desonesto em um país honesto, um país inteligente em um país idiota, um país culto em um país ignorante, um país humanístico em um país consumidor.

Nestes últimos anos, entre o Partido comunista italiano - compreendido aqui em sentido autenticamente unitário, como um “conjunto” de dirigentes, base e eleitores - e o resto da Itália, abriu-se um abismo de modo que o Partido comunista italiano se tornou propriamente um “país separado”, uma ilha.

o PCI (ao qual Pasolini reivindica pertencer e servir) aparece, aqui, estranhamente próximo da definição gramsciana de intelectual tradicional. A ideia de “ilha” e de “país separado” nos remete facilmente à *autonomia e independência em relação à classe social dominante*. Por mais que Pasolini escreva que estas características são positivas, pois representam uma espécie de refúgio, ele também argumenta que estas mesmas características representam um grande defeito no partido, pois tomar-se uma nova nação tem como triste consequência o surgimento de uma nova estrutura de poder. Evidencia-se, neste trecho, como os escritos de Pasolini podem parecer, num primeiro momento, contraditórios; eles são, no entanto, profundamente dialéticos. Sobre tal assunto, PILATI (2013) escreve:

Trata-se, portanto, de uma poética que afirma muitas recusas: a das certezas ideológicas, a da cantilena panfletária da esquerda italiana em tempos de crise, a da idealização do povo, a do refinamento poético, a da castração católica ou a do comunismo vulgar, a do irracionalismo e a do racionalismo. E cada uma dessas recusas é realizada com uma contra força de afirmação. Ecos talvez de utopia em tempos de emergência da indústria cultural? Pasolini, desse modo, ativando a poesia com infundáveis e incansáveis movimentos dialéticos de perquirição, sempre atua, como crítico ou como poeta, de modo radical sobre a aparente (e desejada pelas forças hegemônicas!) paralisia da história de seu tempo. (p. 158)

Pasolini escreve, então, que as relações entre o PCI e a Itália se estreitam como nunca antes; as duas instituições de poder são colocadas no mesmo nível, pois por mais que a classe política comunista possua “*outro poder*”, este “*todavia, é sempre poder*” p. 4). Não há mais o embate político entre oposição e situação, mas sim relações diplomáticas entre nações, entre duas instituições. Pasolini retrata uma cena particularmente complicada para o intelectual que se pretende orgânico: se o partido comunista se descola das relações de poder da nação, como ele estará a serviço da classe oprimida? Se o partido se toma uma nova nação com uma nova estrutura de poder, isso significa que os intelectuais estarão, desta forma, a serviço de uma nova classe de poder que é, por consequência, opressora:

No caso específico, o deste momento que tão dramaticamente nos é reservado, também eles [classe política do PCI] entregaram ao intelectual um mandato estabelecido por eles. E, se o intelectual falha nesse mandato - puramente moral e ideológico - eis que ele é, como muita satisfação de todos, um traidor. [...]

O intelectual deve continuar a se ater ao que lhe vem imposto como seu dever, a repetir seu próprio modo codificado de intervenção.

Pasolini reitera, desta forma, que não cabe aos intelectuais denunciar os nomes dos responsáveis pelos golpes descritos no início do texto, pois o verdadeiro golpe de Estado se daria quando a denúncia viesse de dentro da própria classe política, ou seja, de dentro daqueles que compartilham do poder; em suas palavras: “menores responsáveis contra maiores responsáveis (o que não quer dizer, como no caso americano, que sejam melhores)” (p. 4). Talvez a quebra deste silêncio diplomático existente entre os dois países, através de uma agressiva denúncia por parte da classe política comunista, fosse capaz de reintegrar o PCI ao território italiano. Este ataque, realizado pelos políticos comunistas, tem como alvo eles mesmos: abdicar deste poder, que não difere do poder dos *gol pistas*, é recuperar a organicidade do partido, recolocando-se na posição de oposição; em outras palavras, é deixar de zelar pela manutenção do poder e do sistema, e, assim, recuperar sua força e seu potencial revolucionário. Se tal hipótese for verdadeira, por trás desse aparente pessimismo existe uma atuação radical, ambiciosa e surpreendentemente otimista.

2. GAVIÕES E PASSARINHOS

O filme começa com a apresentação de “Tàto” e “Davoli Ninetto”; sobre os outros personagens, afirma-se: “ache nas ruas do mundo inteiro todos os outros atores”. Esta frase reafirma o fato de que estes dois personagens possuem um status diferente de todo o resto. Temos poucas pistas do local de origem dos dois amigos. Sabemos que eles vieram da Cidade do Lixo, Rua Mortos de Fome, Numero 23, na ladeira do Monte do Esgoto, e que seguem obstinadamente para algum lugar que nos é desconhecido. Sem traços de profundidade psicológica, parados num momento histórico ambíguo e indetectável, estranhamente estáveis e imutáveis; podemos dizer que são imagens - ou alegorias - profundamente pasolinianas, pela incompreensão que ambos tem das enormes contradições que coexistem em ambos os casos. Começemos pelo velho.

A imagem de Tàto é cômica; suas roupas facilmente lembram as de Chaplin. Elas destoam completamente do figurino dos outros personagens (mesmo os trajes formais dos dentistas dantescos), não só pelas proporções estranhas, pelo chapéu e o guarda-chuva tão caricatos, mas também pelo fato de que Tàto é um homem pobre usando, no dia a dia, um traje surpreendentemente formal. O traje também pode nos remeter a um conservadorismo, principalmente quando colocado ao lado de Ninetto. Enquanto este é regido pelo impulso e pelo prazer, Tàto é regido pelo conhecimento de mundo, que é exposto em vários de seus discursos, como o que precede a chegada do corvo, sobre a morte. Como alegoria do velho, Tàto age com relação a sua longa jornada com resignação - por vezes rabugenta - e tenta cortar as tentativas de Ninetto para interrompê-la. Se pensarmos nos termos de uma

revolução, que permeiam não só este filme, como também muito da obra de Pasolini, vemos em Tàto uma relação dialética entre os seus potenciais e defeitos: Tàto possui a paciência e a disciplina necessárias para trilhar a longa jornada rumo ao futuro e à mudança, ao contrário de Ninetto, que é avesso ao comedimento; entretanto, o conservadorismo do velho é a parte principal da constituição desse personagem, e a mudança lhe é, por definição, contrária, de forma que Tàto permanece em uma jornada cujo verdadeiro objetivo lhe é inacessível. Esta estranha obediência, ao lado de seus trajes e de sua pompa de homem elegante e conhecedor das coisas, coloca lado a lado o grande narcisismo e a grande impotência do personagem, o que gera um efeito cômico e até certo ponto patético.

Ninetto Davoli pode ser entendido como uma alegoria da juventude. As imagens que compõem o garoto são de duas naturezas distintas, regidas sob a ideia da *inocência*. De um lado, ele possui um vigor e uma paixão pela vida que são estranhos a qualquer outro personagem. A maneira infantil como Ninetto se permite externalizar todo e qualquer desejo que lhe vem em mente caracteriza um comportamento inocente; ele age como um ser belo e puro, incapaz de agir com malícia. Ao mesmo tempo, esta mesma inocência remete à sua grande volubilidade. Ninetto não tem paciência para esperar pelo prazer; ele é facilmente seduzido pelas coisas, desviado de seu caminho, até mesmo pela simples possibilidade de um cochilo sob a sombra. Esta abertura é bem representada na presença que a indústria cultural parece exercer sobre o garoto; enquanto Tàto se veste com roupas conservadoras, a figura de Ninetto destoa pelo despojamento, pelo jeans e o blusão americano, pela vontade de dançar com os outros meninos e tomar coca-cola. Também existe aqui uma relação dialética: a liberdade de Ninetto é provinda de uma inocência e de um espírito jovem que lhe conferem o vigor, a paixão pela vida e a esperança necessários para o movimento de mudança e de revolução. Ao mesmo tempo, essa mesma inocência e esse mesmo espírito jovem fará com que ele abrace com tanta volubilidade a cultura de massa, e que seja a maior e mais fácil presa da sociedade de consumo. Desta forma, Ninetto contém, em si, tanto a esperança para a revolução quanto a vontade de adentrar totalmente no sistema e desfrutar de todos os prazeres do consumo. Ele contém a potência para se libertar *do* capitalismo e para se sentir livre *através do* capitalismo.

A figura do Corvo talvez seja a mais enigmática de todas. Ele, assim como Ninetto e Tàto, também pode ser entendido como uma alegoria. Ele vem do país da Ideologia, vive na Capital, n' A Vila do Futuro, rua Karl Marx, no número 70 vezes 7, e ele também não diz para onde vai. O próprio filme explica que “o Corvo é um intelectual de esquerda da época anterior a morte de Palmiro Togliatti”. Pasolini, de certa forma, acaba por criar uma alegoria na qual ele mesmo se encaixa. Ao lado de seus novos amigos, o Corvo tentará, com todas as suas forças, apresentarlhes as contradições e as relações de poder na sociedade, tudo isso em vão.

Logo no começo da jornada, o Corvo pergunta se pode contar a história dos gaviões e dos passarinhos. Diante de sua insistência, os dois amigos cedem. Na história, São Francisco de Assis dá uma missão aos dois freis Ciccillo e Ninetto, que consiste em evangelizar os gaviões e os passarinhos, para que, através do Amor, cessasse a relação pretatória entre eles. A palavra do Deus cristão como a salvação é uma imagem que não deixa de remeter ao próprio comportamento do Corvo. À semelhança dos dois freis, ele também irá pregar uma espécie de salvação. Tal imagem é bastante curiosa se lida de

uma perspectiva gramsciana, pois o clero é justamente o exemplo que Gramsci usa para explicar o intelectual tradicional. E podemos dizer que tanto o Corvo quanto os padres possuem como horizonte um enorme desejo de se tomarem intelectuais orgânicos; de um lado, o Corvo, que está à serviço da revolução e de uma transformação radical no sistema; e, do outro, os freis, que estão a serviço da igreja em nome da evangelização e do Amor. Ambos ambicionam uma espécie de salvação para a humanidade: a utopia marxista e o paraíso católico são colocados lado a lado.

Ciccillo e Ninetto começam a longa missão. O frei Ninetto não aguenta muito tempo; à semelhança do outro Ninetto, o pequeno frei tenta a todo custo se desviar da missão, ora se metendo em confusão com meninos aparentemente mais velhos, ora insistindo para Ciccillo lhe levar para comer ricota fresca, etc. O menino está o tempo inteiro irrequieto, buscando alguma forma mais rápida de prazer. Após um ano inteiro rezando e pensando, frei Ciccillo finalmente aprende a língua dos gaviões. Numa cena engraçadíssima, o frei imita o som dos gaviões e lhes explica quem é Deus e porque eles devem louvá-lo com amor. Em êxtase com a vitória, eles vão atrás de evangelizar os passarinhos (por mais que Ninetto queira descansar para comemorar a vitória), o que se mostra uma tarefa mais difícil.

Pasolini coloca a evangelização dos pássaros - ou seja, da classe oprimida - como muito mais difícil do que a dos gaviões - classe dominante. Ao chegar onde estão os passarinhos, os freis encontram três irmãs: Avareza, Miséria e Enlutada. Elas são a primeira dificuldade que Ciccillo irá enfrentar, pois ao perceberem que ele poderia ser entendido como um santo, criam uma feira ao redor dele, para lucrarem com sua presença. O frei Ninetto, por sua vez, muito se diverte com tal feira. Num ataque de fúria, Ciccillo pede para que Deus lhe abra uma exceção, e destrói toda a barulhenta confusão que se instala ao seu redor. Reestabelecido o silêncio e passado um ano, ele aprende o canto dos passarinhos, mas, ainda assim, não consegue se comunicar com eles. É neste momento que Ninetto irá mostrar como é imprescindível nesta missão. O pequeno frei se cansa e pede para jogar amarelinha; é observando a sua brincadeira que Ciccillo consegue finalmente entender como se comunicam os pássaros: através de pulinhos. Assim, eles evangelizam os pássaros e a missão está aparentemente encerrada.

É interessante pensar como a alegoria do velho e do novo, em Tato e Ninetto, se encaixam em alguma medida na história contada pelo Corvo. O jovem e o velho se completam, pois um tem aquilo que falta ao outro. Enquanto Ninetto tem vigor e uma incrível predisposição para o novo e para a inventividade, Tato e Ciccillo permanecem no campo da reza, do conhecido, da paciência e da perseverança. Ciccillo se distancia de Tato em sua grande admiração pelo conhecimento. Ele segue a máxima dita por São Francisco: “com a fé se acredita e com o conhecimento se vê”. Se o adulto pode oferecer ao jovem um caminho, uma meta a se trilhar, o jovem pode oferecer de volta novas ideias sobre algo com o qual o adulto já está há muito tempo acostumado. Por mais que, no final, os freis descubram que eles falharam, a experiência lhes ensina uma lição valiosa; primeiro, que se faz necessário uma organização que junte juventude e intelectuais para que ocorra transformação no mundo. E, segundo, a enigmática fala de São Francisco de Assis ao final da história:

É preciso mudar este mundo, frei Ciccillo, isto é o que vocês não entenderam. Um dia, virá um homem de olhos azuis e dirá: “sabemos que a justiça é progressiva, e que à medida que a sociedade progride, surge a consciência de sua composição imperfeita e vêm à luz as desigualdades estridentes e implorantes que afligem a humanidade. Não é talvez esta advertência sobre desigualdade entre classes, entre nações, a ameaça mais grave à paz?”

Assim, os dois freis ganham uma nova esperança e recomeçam sua jornada. Podemos colocar lado a lado este São Francisco pasoliniano e Gramsci; para um, é preciso mudar o mundo, segundo a máxima que Ciccillo segue: “com a fé se acredita e com o conhecimento se vê”. Estas palavras ecoam uma das citações mais famosas de Gramsci: “pessimismo no pensamento, otimismo na vontade”. Assim, independentemente do resultado, uma inabalável fé na ação, na potência transformadora do homem para o bem deve permanecer. O santo parece indicar a Ciccillo um novo caminho para o intelectual orgânico: ele deve entender que os gaviões amam como gaviões, e os passarinhos como passarinhos, deve entender as diferenças de classe que existem entre as duas categorias de pássaros, e, depois, mostrar-lhes seu conhecimento, pois, teoricamente, a consciência de classe os libertará, e o Amor não basta. É preciso mudar o sistema como um todo, é preciso mudar o mundo; não seria esta uma forma de dizer que uma revolução se faz necessária? Apesar de anos de trabalho em vão, Ciccillo e Ninetto continuam sua jornada alegremente.

O momento em que o Corvo surge para Tàto e Ninetto é muito parecido com o momento em que termina a história de Ciccillo e Ninetto. O pássaro carrega consigo a mesma esperança que Ciccillo e Ninetto tinham quando recomeçaram sua jornada; é neste contexto que o Corvo tentará, a todo custo, e em vão, mostrar para os seus amigos a lógica de “gaviões e passarinhos” na qual estão inseridos. A realidade do Corvo, no entanto, é mais complexa que a de Ciccillo; enquanto de um lado os gaviões sempre predam os passarinhos, do outro, Tàto e Ninetto podem ser, em momentos diferentes, gaviões ou passarinhos. Não à toa, na cena em que Tàto vai à casa de uma senhora lhe cobrar o aluguel, podemos ouvir o som de andorinhas chilreando, enquanto ela cozinha um ninho de passarinho para seu marido. A janta, na verdade, são a mulher e sua família. Da mesma forma, mais adiante, no encontro de dentistas dantescos, Tàto vira presa da curiosa pessoa de um tal “engenheiro” a quem deve dinheiro. E por mais que o Corvo fale e fale, absolutamente nada muda, até que, ao fim do filme, os dois amigos ficam com fome e decidem, em comum acordo, devorá-lo.

Se pensarmos na definição de intelectual orgânico, a extrema impotência tanto do Corvo quando de Ciccillo talvez se deva ao fato de que ambos pertencem a uma classe à parte, o que remeteria ao intelectual tradicional. A inversão humano/animal - de um lado, um corvo tentando ensinar aos humanos; do outro, humanos tentando ensinar aos pássaros - pode ser uma forma de representar essa distância entre intelectual e sociedade. Não contentes com isso, tentam desesperadamente se fazerem presentes e transformarem a realidade, missão na qual todos falham. O abismo entre o intelectual orgânico e o intelectual tradicional é representado de uma forma tão grande que, entre Ciccillo e os pássaros, não se fala nem a mesma língua, nem se é da mesma espécie; e, entre o Corvo e Tàto e Ninetto, existe uma total falta de compreensão, comunicação ou empatia, culminando na trágica morte do herói. Não podemos nos esquecer, no entanto, de suas últimas palavras:

Ou talvez, eu esteja acabado. A minha hora passou. Minhas palavras caem no vazio. Porém não pense, Sr.Tato, que eu choro o fim daquilo em que acredito. Estou convencido de que alguém virá e pegará minha bandeira para levá-la adiante. E depois, eu choro só por mim. É humano, não? Em quem sente que não conta mais.

Talvez a imagem do Corvo morto - assim como a do enterro de Palmiro Togliatti - possa se relacionar com a de “As Cinzas de Gramsci”. À respeito de tal poema, PILATI (2013) diz:

Está lá [no poema] o pensador puro, imolado, encarcerado e agora morto, carregando o recalque da traumática morte do jovem irmão Guido Pasolini. Mas está também a fonte de pensamento rigoroso e de racionalização do mundo nos termos do materialismo histórico, ou seja, como o próprio Pasolini dizia, a grande cabeça do marxismo italiano em todos os tempos.

Da mesma forma dialética, a imagem do Corvo morto nos remete não só a da grande fragilidade do animal, da incrível dificuldade que ele tem de se comunicar com as pessoas; remete também a força que o pensamento marxista tem para atravessar as gerações, e, também, uma enorme espera. Pois se, como diz Ciccillo, é preciso ter fé e conhecimento para que se cesse o embate cruel entre gaviões e passarinhos, o Corvo nos passa uma mensagem melancólica, porém, esperançosa e baseada na fé; não há indícios de que o mundo realmente irá mudar, somente uma arrebatadora fé no fato de que, um dia, alguém pegará a sua bandeira e a levará adiante.

BIBLIOGRAFIA

GRAMSCI, Antonio. “Formação dos intelectuais”. In *Os intelectuais e a organização da cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1978.

PILATI, Alexandre. “O coração consciente em ‘As cinzas de Gramsci’”. Revista *Moara*, n. 39, p. 151-173, jan./jul.,2013.

Uccellacci e Uccellini. Dirigido por Pier Paolo Pasolini. Produção de Alfreedo Bini. Arco Film. 1966.

Outros

O texto “O romance dos massacres” publicado por Pasolini no *Corriere de lia serra* foi traduzido e fornecido por Danielle Lima.

Database: A página de “*Uccellacci e Uccellini*” em IMBD.com e as páginas “Palmiro Togliatti”, “Antonio Gramsci”, “Partido Italiano Comunista” e “Itália” em it.wikipedia.org foram consultadas.